

GDF tenta segurar mas invasão teima e cresce

CORREIO BRAZILIENSE

A moradia em choupanas de lona, com requinte de uma varanda, é a concessão do GDF a três famílias que vivem no cerrado, à beira da Estrada Parque Indústria e Abastecimento, na pista oposta ao Carrefour e ao ParkShopping. A mais antiga instalou-se há um ano, e a expansão da favela é controlada. Quando os moradores erguem barracos de madeira, o GDF os derruba, levando o material usado, por tratar-se de área pública. A Terracap acha que o instituto da concessão de uso pode acabar com a indústria da invasão no DF.

Até o abrigo de ônibus serviu para construção de barraco na EPIA. Ali seu morador — que usou a parede oposta à cobertura — instalou uma bírosca onde vende cachaça, balas e cigarros. O número de choupanas era maior até dois meses atrás, mas um dos moradores roubou uma menina de 10 anos de seus vizinhos e sumiu com ela. Na SQN 110 a expansão da favela continua avançando no sentido das quadras vizinhas. A UnB, que figura como proprietária juntamente com a Terracap e a CEF, diz não ter nada com a área. A Terracap usa o mesmo argumento. A CEF não sabe o que fazer.

SEQUESTRO

O morador mais antigo da EPIA é o mecânico Francisco Dias, que se instalou com sua mulher, Maria das Graças Fildéis dos Santos, e os filhos, Ligia, 10 anos, Marcos, 4, Maíel, 2 e Marcela, 1 ano. Há dois meses nasceu Márcia. Por essa época, um vizinho de nome Manoel desapareceu com Ligia, levando ainda Hilda, 15 anos, que dizia ser sua filha. Hilda está grávida e em certa ocasião disse a Maria das Graças ter sido roubada por Manoel em Pernambuco. Passados dois meses do sequestro, a polícia não tem notícias de Manoel nem de Ligia.

Segundo a chegar ao "acampamento", Orismar Reis de Lima vive o drama do desemprego em companhia da sua mulher, Terezinha de Jesus Santos Lemos, e os filhos, Francisco, 6

anos, Cristina, 4 e Eliane, 2. Ele está em Brasília desde 1980, "vivendo sempre no cerrado, cada dia num lugar". Por duas vezes ergueu barraco de madeira, mas a Terracap derrubou. Sua mulher veio de Teresina em novembro de 85, deixando a filha mais velha, Ana Cristina, 7 anos, com a prima Maria Coelho, a quem deu a criança, não chegando nem a registrá-la em seu nome.

Orismar é servente de pedreiro, tendo sido atraído para o local onde montou sua choupana pelas obras de expansão do Carrefour. Depois o trabalho acabou e ele agora sonha com uma colocação na Novacap, "que paga pouco, mas dá garantia de emprego". Para ser admitido, falta somente apresentar a abreugrafia. Ontem andou do acampamento até o Núcleo Bandeirante para apanhar o resultado. Saiu de casa às 6h e voltou às 10h. Tem esperanças de conseguir lugar melhor para morar com a família, estando inscrito na Shis.

Adalberto de França Soares, pedreiro autônomo, vive com a mulher Maria Domingas e cinco filhos, com idades entre 14 e 1 ano, sob uma barraca de plástico roto. Sua comida é feita num fogareiro e, sem contar com iluminação elétrica, usa velas à noite. Uma delas queimou parte do plástico, abrindo um rombo. N os dias de chuva, o jeito é comprimir-se para fugir à goteira. O chão da choupana é forrado com papelão.

A higiene é nenhuma. A exemplo de seus vizinhos, apanha água numa garagem em construção. Antes havia um cano furado no estacionamento, "próximo a uns coqueiros". A Caesb consertou o vazamento, obrigando as famílias a andarem mais em busca de água. Atravessam duas pistas com latas e voltam para preparar a comida, lavar roupa e fazer a higiene pessoal num mesmo tacho. Adalberto queixava-se de uma diarreia devido a uns frangos que ganhou mortos e comeu junto com a família.

Sobrevive prestando serviços de pedreiro e bombeiro hidráulico a um condomínio, mas não tem trabalho todo dia. Não vê

chance de um emprego fixo, até conseguir tirar seus documentos, perdidos em São Paulo, onde morou oito meses atrás. Em Brasília ficou algum tempo trabalhando numa chácara em Sobradinho e há cinco meses mudou-se para a choupana. Sua esperança é de que o condomínio para quem trabalha lhe pague logo, a fim de poder comprar um pedaço de plástico e consertar o estrago feito pela vela acesa.

110 NORTE

A omissão dos donos das projeções na 110 Norte faz crescer a cada dia a favela ali existente. O Cartório de Registro de Imóveis aponta como proprietários a UnB, a CEF e o GDF. Contudo, somente a CEF confirma a propriedade, não informando contudo, quais são os seus lotes. A divisão de patrimônio da UnB diz que os terrenos não lhe pertencem "sendo possível que tenham sido vendidos". A João FORTES Engenharia, apontada pelos invasores como dona de toda a área, não tem registros de qualquer transação em sua matriz no Rio de Janeiro. O responsável pelo escritório em Brasília está ausente há quinze dias.

A Terracap diz não ter projeções na SQN 110. Poderia ter no Setor Comercial da quadra, mas considera que a invasão não chegou na parte destinada a ela. A favela ocupa da W2 até o Eixinho. O que consta no Registro de Imóveis como propriedade do GDF seriam, segundo a Terracap, áreas públicas, de responsabilidade da SVO. A empresa considera que a "indústria da invasão" deve terminar com a adoção da concessão de uso, que impede o beneficiário do recebimento de lotes e imóveis do Governo de transferi-los para terceiros por venda ou aluguel.

Cerca de 17 dos 170 moradores instalados na QE 38, no Guará, estão na mira da Terracap. A fiscalização constatou que os imóveis estão sendo ocupados por terceiros. A empresa vai rescindir os contratos na Justiça e entrar com ação de reintegração de posse, punindo tanto o contratante como a pessoa que estiver ocupando o imóvel.



Na invasão do Carrefour, o teto de lona é a única concessão do GDF